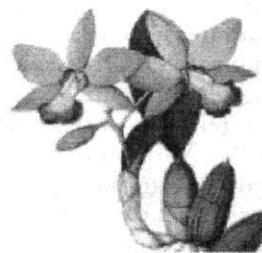


Informativo ACW



PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO DA CATTLEYA WALKERIANA

ANO II

-

Nº 4

-

JULHO/SETEMBRO 2000

EDITORIAL

O mês de setembro de 2000 representou um marco importante para a ACW, visto que, nele, a nossa Associação completou seu primeiro ano de existência. Este fato é muito auspicioso para nós, pois, mais do que evocar uma festa, com um bolo encimado por uma velinha, representa uma vitória por haver a ACW ultrapassado aquela que pode ser considerada uma das fases mais difíceis de uma entidade, que é o seu primeiro ano de existência o que muitas outras nem conseguem atingir.

Nossa Associação, no entanto, não só logrou sobreviver a este difícil período, como o fez com muita determinação, conseguindo, a cada dia que passa, obter o reconhecimento do meio orquidófilo pela seriedade de sua atuação, orientada dentro de objetivos bem definidos, do que tem resultado uma adesão crescente de novos associados, além das mensagens de incentivo para que a ACW continue firme na perseguição das metas traçadas.

Embora sabendo dos grandes desafios que ainda tem pela frente, continuará com a determinada na perseguição de seus objetivos, motivada pela colaboração e estímulo que espera continuar contando no meio orquidófilo.

Numa comprovação de reconhecimento do acerto na fixação dos objetivos fixados pela ACW, recebemos, de um grupo de orquidófilos estabelecidos no Japão, a comunicação de que pretende criar naquele país uma entidade baseada nos moldes da nossa ACW, tendo ainda manifestado o maior interesse em estabelecer, desde o início, um intercâmbio para que, juntos possamos somar esforços na busca dos mesmos objetivos.

Logramos também algumas outras realizações, como

o registro fotográfico, ainda que incipiente, de exemplares de *Cat. walkeriana* que se destacaram em algumas exposições realizadas no corrente ano. Com a colaboração de nossos Delegados Regionais e dos demais Associados, esperamos que este registro fotográfico bem como nossa presença nas próximas exposições aconteça de forma crescente.

Destacamos ainda o trabalho de elaboração das "Normas Gerais para o Registro de Cultivar da *Cattleya walkeriana*, já em sua fase final, o qual deverá representar uma grande contribuição para:

- propiciar o estudo sistemático das semelhanças, identidades, peculiaridades e conformidades,
- evitar denominação diferente para a mesma planta,
- manter, em banco de dados, informações completas, fidedignas e incontroversas sobre os cultivares.

Estará o mesmo sendo enviado, ainda na forma de ensaio, para todos Associados, visando, assim, obter sugestões e/ou possíveis correções, antes da elaboração do documento final. Esclarecemos que esse trabalho poderá ser sempre revisto, visando seu aprimoramento e/ou atualização.

Para prosseguimento das tarefas propostas, a ACW precisa continuar recebendo a grande colaboração de seus Associados, obtendo, assim, maiores realizações em menores prazos.

Por tudo isto, nosso muito obrigado a todos os colaboradores e votos de grande sucesso neste segundo ano de vida da nossa ACW.

Alberto Leonardo Rodrigues

PESQUISANDO AS ORIGENS

Em recente encontro, no Orquidário Rio Clarence, em Rio Claro, com o Sr. Evaldo Wenzel, um dos pioneiros do Brasil em sementeira de orquídeas, comentávamos os resultados excepcionais obtidos ao longo de tantos anos dedicados por ele a esta atividade. Foi quando abordamos as *Cattleyas walkerianas* caeruleas originadas deste seu trabalho, do qual se

destacaram clones de qualidade excepcional, como o famoso cultivar "Gilda Maria", que apresenta também os sinônimos "Eduardo", "Eduardinho" e "Edward" e tido como um dos melhores existentes na variedade caerulea.

Nesta oportunidade, o Sr. Evaldo nos informou que a grande maioria das *C. walk.* caeruleas que produziu

descende de um cruzamento inicial de duas plantas caeruleas, sementeira de número 427, feita entre o cultivar "DICK" e outro oriundo da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queirós - ESALQ. Sua polinização foi feita em abril de 1973 e a sementeira em abril de 1974. Afirmou o Sr. Evaldo que, anos mais tarde, veio a descobrir que ambas as matrizes, foram coletadas na mesma época e no mesmo local, situado no Sul de Minas e que, por esta razão, poderiam se tratar da mesma planta.

Segundo Sr. Evaldo, Dr. Celso Junqueira, orquídeófilo residente em Itajubá, teria fornecido um corte da planta ao Sr. Mário Miranda, conhecido orquídeófilo de Belo Horizonte, do qual, o Sr. Dick, orquídeófilo paulista, obteve, posteriormente um pedaço. Já a planta vinda da ESALQ, teria sido obtida do Sr. Barão Anton de Guillany. O referido Barão, residente à época em São Paulo, empreendeu muitas incursões nos habitats das orquídeas no Brasil, muitas vezes em companhia de estudiosos de outros países. Grande parte dessas viagens foi por ele registrada em artigos publicados tanto do Brasil, como do exterior. No presente caso, em sua excursão feita sob a orientação e participação de um dos membros da família Junqueira, coletou alguns cortes da referida planta, conforme descreve em artigo originalmente publicado em idioma inglês. Nosso associado Mário Arruda, nos forneceu uma preciosa contribuição que é a tradução do referido artigo, publicado pelo Barão de Guillany em 1976, o qual será transcrito neste Informativo.

Também J.A. Fowlie, no livro *The Brazilian Bifoliate Cattleyas and Their Color Varieties*, publicado em 1977, apresenta um artigo escrito por Ralph W. Spenser, que relata a visita feita, por ambos, àquele habitat, em companhia de Guillany, visita essa que integra o que denomina de Expedição II. Podemos concluir, portanto, que existem dois artigos distintos relatando a mesma descoberta.

Segundo Fowlie, isto ocorreu no final do mês de maio de 1967, coincidentemente com a data dos funerais do nosso ex-presidente da república, Wenceslau Brás, que residia na cidade de Itajubá.

Ambos artigos mencionam a dificuldade enfrentada para se acessar o local onde se encontrava a touceira. Apesar disto, há informações de que, atualmente, nada restou de *Cat. walkeriana* naquela região, em consequência de ações de pessoas despreocupadas com a preservação das orquídeas em seu habitat natural, além das queimadas e de outras ações de agressão à natureza.

Analisando as características morfológicas das matrizes, surgiu para nós uma dúvida quanto a serem, ambas, cortes da mesma planta. Isto porque o cultivar Dick (sinonímia Miranda) apresenta dimensões menores, quando comparadas às da planta procedente da ESALQ, cultivar também conhecido sob a denominação de "Itajubá" ou "Barão de Guillany". A possível explicação nos veio quando fizemos uma consulta ao Dr. Celso Jadir Junqueira, conhecedor do caso e filho do Dr. Celso Junqueira. Segundo ele, a coleta de alguns cortes, feita naquela visita, ocorreu em uma touceira, donde se pode imaginar, em princípio, que a sementeira 427

pode não se tratar de uma autofecundação (selfed), mas sim de um cruzamento entre duas plantas oriundas da mesma matriz (sibbling cross). Esta hipótese seria, assim, semelhante aos casos registrados nos artigos publicados em **Informativos ACW** anteriores, relatando a descoberta do cultivar "Patrícia" de autoria de Mário Arruda e das *Cat. walk.* descobertas na Serra do Galinheiro, de autoria de Joaquim Barreto Carneiro Filho. Era comum encontrarem-se touceiras de plantas oriundas de sucessivos cruzamentos naturais, dos quais resultava uma diversidade de cultivares.

Pudemos constatar, com este trabalho, quão importante é a pesquisa, na medida em que podemos, através dela, resgatar informações que poderão ser utilizadas pela ACW, dentro dos objetivos a que ela se propõe.

Anunciamos que pretendemos, na seqüência deste trabalho, voltar a conversar com o Sr. Evaldo Wenzel, em busca de informações para relacionar, na medida do possível, os descendentes de destaque originados do cruzamento 427.

Participaram desta pesquisa Joaquim Barreto Carneiro Filho e Alberto Leonardo Rodrigues

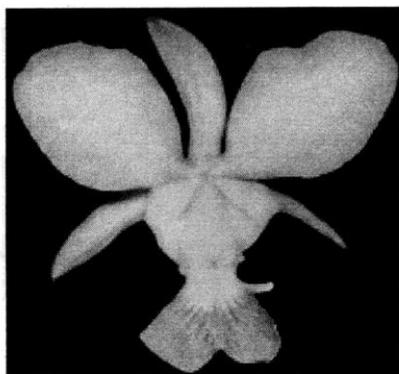
Feitas estas observações, vamos apresentar a tradução que nos foi enviada pelo nosso associado Mário Arruda, salientando que esta transcrição, feita sem alterações, é apenas parte de um artigo mais abrangente, intitulado *The Bifoliate Cattleyas of Brazil*:

Cattleya walkeriana planta comum, sensível, pequena, folhas polpudas, epífita tanto quanto as espécies que crescem em barrancos, com uma sempre grande folha grossa em cada pseudobulbo, só excepcionalmente com duas folhas, flores geralmente em um falso pseudo bulbo, caule desfolhado, raramente em um pequeno caule sobre um bulbo com folhas. Os bulbos são curtos e grossos com folhas às vezes maiores que eles e com uma ou duas flores grandes, coloridas que vão do lilás ao roxo. As flores são surpreendentemente grandes para o tamanho das plantas. O labelo tem a borda em cores ametista e o miolo branco ou amarelado, não coberto pelos lobos laterais.

Cattleya walkeriana foi descoberta por Gardner em 1839 perto de uma pequena correnteza que desaguava no grande Rio São Francisco, na Bahia, e foi batizada depois por seu amigo Edward Walker, que sempre o acompanhava em suas caçadas atrás de orquídeas. Devido à sua vasta área de distribuição, *Cattleya walkeriana* é representada por muitas formas, locais e variedades. As maiores flores são encontradas em Minas Gerais, perto de Araguari e as mais redondas perto de Itutinga e as piores espécies vêm do nordeste de Minas Gerais (Grão Mogol). Elas oferecem muitas variedades de cor de grande valor como a branca neve (*C. walkeriana* var. *alba*); a azul (*C. walkeriana* var. *caerulea*), a roxo escura (*C. walkeriana* var. *bulbosa*) que tem sido considerada uma espécie à parte pelo Dr. Lindley. Sombreados de rosa púrpura escuro até lilás púrpura claro são freqüentes, mas estas formas coloridas são raras ao natural. Vou contar a história de como eu descobri a melhor *C. walkeriana caerulea* conhecida até hoje.

No interior de Minas ao lado da Serra da Mantiqueira existe uma cidade chamada Itajubá. Ali mora um homem chamado Junqueira que vende flores para lojas e famílias. Ele é um pesquisador mais antigo que eu e, em poucas ocasiões quando passei pela cidade, ele não apenas me recebeu cordialmente, mas prontamente me acompanhou em lugares que só ele conhecia. Um de seus parentes mais próximos tem uma fazenda perto de Vila Dias entre montanhas no caminho de Brasilândia. Um dia, seu filho e eu fomos convidados a passar a noite na fazenda e na manhã seguinte nós fomos caminhar atrás da *Cattleya walkeriana*. Um peão chamado Francisco (Xico) também nos acompanhou. Foi um dia quente e ensolarado, seguido de um chuvisco ao cair da noite. As folhas de um capim gordura pareciam diamantes polidos enquanto abríamos caminho pelos rochedos de granito.

Logo chegamos num local cheio de árvores nas beiradas de penhascos abertos. Não havia orquídeas neles, mas eu vi uma grande planta de *Epidendrum longispathum* crescendo em uma das pequenas rachaduras. Xico estava na minha frente, mas o jovem Junqueira com uma corda nos ombros foi para a esquerda de uma rocha grande e pontiaguda onde eu



Cat. *walkeriana* *carulea*
"Barão de Guillany" cultivo Mário Arruda, onde se observa o desvio de simetria na sépala superior, característica básica do cultivar, conforme informações do orquidófilo Celso Jadir Junqueira.

pequeno apoio para recolher as plantas acima e catá-las antes que caíssem no precipício. Eu examinei cuidadosamente a rocha para um possível suporte para meu pé para alcançar a árvore na minha frente. Xico voltou para casa; ele estava com medo de arriscar sua vida, então eu tinha que fazer tudo sozinho. Um passo errado, ou um escorregão e eu sabia que morreria. Os segundos passavam como horas enquanto eu avançava com a vara de bambu na mão direita até que — graças a Deus — eu alcancei a árvore. Com minhas costas nos galhos eu comecei a derrubar as plantas com boas flores. Elas começaram a cair em mim repletas de formigas que picam, uma por uma. Eu as recolhi em minha sacola, mas levei picadas sem poder tirar a camisa do meu corpo dolorido. Finalmente, Xico veio me ajudar e afastou as formigas. Dolorido como estava meu corpo,

eu ainda me senti feliz depois de recolher plantas tão belas, e nós começamos de novo assim que o jovem Junqueira, que também desaparecera, voltou.

Nós subimos uma colina e logo chegamos na beirada mais alta do penhasco, onde mais árvores estavam crescendo em confusão. Nós paramos de respirar, pois nossos corações estavam acelerados. Eu chamei o jovem Junqueira, que estava colhendo plantas num pico perto de nós. Ele começou a voltar para nos encontrar e nós sentamos para descansar. Eu fui até a beira do precipício, sentei com minhas pernas balançando e comi uma maçã que tinha trazido. Quando eu olhei para baixo, aproximadamente 30 pés abaixo de mim, eu vi uma formação rochosa pontiaguda. Para minha grande surpresa, eu vi uma moita de *C. walkeriana* ali com flores brancas e azuis brilhando no sol. Meu coração pulou como um cavalo quando eu mostrei ao Xico: "Olhe o que descobri!". Ele disse: "É azul!... mas, como alcançá-la"? Não existe nenhum acesso para aquela rocha.

Enquanto isso, o jovem Junqueira chegou com seu rolo de corda, ele passou a corda no meu corpo picado por formigas e, com a ajuda de uma árvore perto de nós, ele começou a me abaixar devagar dentro do precipício. Algumas vezes eu bati meu corpo na superfície áspera de granito e sangrava no braço e no rosto, tentando achar algum apoio enquanto descia até a planta em questão. Mas, quando eu cheguei, lá estava, uma maravilha da natureza, uma planta de flores verdadeiramente azuis e a melhor *Cattleya walkeriana* var. *carulea* encontrada até agora. Eu estava mais que feliz, mas como subir novamente até meus amigos? Dois deles tentaram me erguer mas eu estava pesado demais. Eu estava balançando no precipício com uma corda apertada demais me segurando. E me machucando consideravelmente. Eu tinha que me agarrar em cada rocha ou moita enquanto eles me puxavam. Finalmente eles seguraram meus braços e eu estava a salvo de novo, cansado e com a pele arrancada das minhas mãos, mas com uma grande moita da *Cattleya walkeriana* azul na minha sacola. Valeu a pena! Eu decidi, mais tarde, em casa, dividir a moita em 5 plantas grandes e vendi por mais de mil cruzeiros cada.

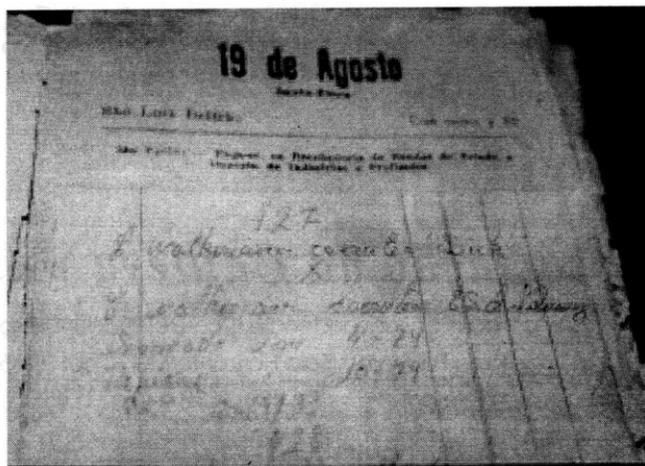


Foto Tirada do livro de registros de sementeiras feitas pelo Sr. Evaldo Wenzel, onde podem ser observados os apontamentos relativos à sementeira de nº 427.

Wenzel Orchids

César A.S.Wenzel

PEÇA CATÁLOGO COLORIDO

Av. Saburo Akamine, 620
Rio Claro/SP Brasil
Cep: 13.504-315
Telefax (0 xx 19) 534-7557

Email:
Cesarwenzel@linkway.com.br

Papinho Orquídeas

Wagner Luiz Pires

PLANTAS SELECIONADAS

Rua Dr. José Américo
Cançado Bahia, 1964
CIDADE INDUSTRIAL
CONTAGEM/MG
Telefone: (0xx31) 9974-5372

Às sextas-feiras na Feira das Flores
Av. Bernardo Monteiro c/ Av. Brasil

BIORCHIDS LTDA

Produção, Comércio, Importação

Gerson Augusto Calore

2^a Travessa da Estrada do Mursa, 620
Telefax (0 xx 11) 480-3703
CEP: 37220-000
Caixa Postal 34
Várzea Paulista SP



Centro Veterinário de Pequenos Animais

DR. MANFREDO WERKHAUSER
DR. ALTAMIRANO PEREIRA DA ROCHA

RUA TIMBIRAS, 637 - TELS.: 222-5788 / 222-5430
BH - MG - CEP 30140-060

Anúncios no Informativo ACW

Se você é sócio da ACW e quer veicular anúncios referentes à comercialização de suas plantas e/ou também de outros produtos, entre em contato conosco através do telefone (0xx31) 334-7489, com Marly ou pelo fax (0xx31) 372-2672.

EXPEDIENTE

Publicação da Associação da
Cattleya walkeriana ACW

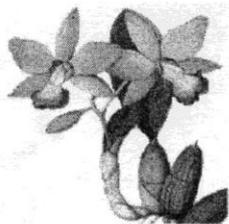
Rua Delegado Álvaro Loureiro, nº 80
Bairro Palmares B. Hte/MG
CEP: 31160-650
Tel: (0xx31) 426-3630
(0xx31) 486-7730

Distribuição Gratuita
para todos os sócios da ACW e
Sociedades Orquídeófilas

Presidente:
Joaquim Barreto C. Filho

Jornalista Responsável:
Marly Spítaly Mendonça Pignataro
CRJ/MG nº 2.308

Os artigos publicados neste Informativo são de inteira responsabilidade dos autores.



Associação da Cattleya walkeriana

Endereço para correspondência: Rua Delegado Álvaro Loureiro, nº 80
Bairro Palmares Belo Horizonte/MG Cep: 31160-650
Telefones: (0xx31) 426-3630 e (0xx31) 486-7730